

BOLSAS	BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na terça (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na terça (em US\$)	Comercial, venda, terça-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$)	Onça troy na Comex de Nova York (em US\$)	Prefixado, 30 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
+0,87 São Paulo	21.630 22.236	0,98 (▼ 0,13%)	2,903 (▲ 1,43%)	3,678 (▲ 0,22%)	416,10 (▲ 0,44%)	16,09	Julho/2003 0,20 Agosto/2003 0,34 Setembro/2003 0,78 Outubro/2003 0,29 Novembro/2003 0,34
			Últimas cotações (em R\$)				
			19/dezembro 2,92				
			22/dezembro 2,92				
			23/dezembro 2,90				
			26/dezembro 2,90				
			29/dezembro 2,86				

## DESENVOLVIMENTO

Projeção do Banco Central indica que o país fechará 2003 com crescimento de apenas 0,3% do Produto Interno Bruto. Para evitar nova retração da economia em 2004, PIB brasileiro deve aumentar pelo menos 3,5%

## O ano da estagnação

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O espetáculo do crescimento prometido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi oficialmente cancelado ontem pelo Banco Central. Na melhor das hipóteses, se nenhuma outra surpresa ruim aparecer de última hora, o Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas do país, crescerá apenas 0,3% neste ano. Se depender das projeções do BC, também não será em 2004 que a encenação do espetáculo acontecerá. As estimativas indicam incremento de 3,5% para o PIB, patamar mínimo necessário para evitar nova retração na renda per capita dos brasileiros. "Cada um interpreta o espetáculo como quiser. O importante é que a economia está em um processo consistente de retomada", disse o diretor de Política Econômica do BC, Afonso Beviláqua.

Segundo ele, a população não deve se frustrar com o crescimento próximo de zero em 2003. "Muito pelo contrário, só há motivos para comemoração", afirmou. "Países que passaram por crises semelhantes à enfrentada pelo Brasil no ano passado registraram queda de até 12% no Produto. Portanto, o resultado que estamos vendo é muito positivo", ressaltou. No início deste ano, ainda em meio a um cenário de grande turbulência, o BC apostava todas as fichas em um aumento de 2,8% do PIB. A cada trimestre, porém, a realidade foi mostrando as garras. Em setembro, a previsão para o Produto já tinha baixado para 0,6%.

O diretor do BC também considerou "digno de comemoração" o comportamento da inflação, mesmo que o índice final para este ano tenha sido, mais uma vez, revisto para cima. De setembro para dezembro, o banco aumentou a projeção para o Índice de Preços ao Consumidor Ampliado (IPCA), que serve de parâmetro para as metas de inflação, de 8,9% para 9,1%. Com isso, nem a meta ajustada ao cenário de preços em alta, de 8,5%, será atingida. "Se

## CENÁRIO PARA 2004

Inflação 4,5%  
PIB 3,5%  
Exportações US\$ 75 bilhões  
Importações US\$ 56 bilhões  
Saldo comercial US\$ 19 bilhões  
Transações correntes -US\$ 4,4 bilhões  
Investimentos estrangeiros US\$ 13 bilhões

## O QUE PODE MUDAR ESSE QUADRO

Crescimento do consumo no país, a ponto de a demanda ser superior à capacidade de produção das empresas. Por isso, o governo está pedindo tanto aos empresários que ampliem os investimentos em fábricas.

Aumento dos juros nos Estados Unidos. Há um temor de que essa alta acabe inibindo o crescimento da economia mundial e restrinja os fluxos de capitais para países em desenvolvimento, como o Brasil.

Reajuste das tarifas públicas. Apesar de definidos pelo governo, esses preços administrados têm sido uma grande trava para a queda da inflação. Na média, o BC estima alta de 7,8% para as tarifas. O mercado fala em 9,1%.

Aumentos generalizados de preços diante da política de redução dos juros. Esse movimento é definido pelo BC como "mecanismo de transmissão do afrouxamento da política monetária para os preços".

Fonte: Banco Central

olharmos para a inflação projetada no último trimestre de 2002, de quase 40% ao ano, conseguimos uma grande vitória", assinalou Beviláqua. Esse será o terceiro ano consecutivo que as metas de inflação não serão cumpridas.

## Juros limitados

Para o ano que vem, o BC está sinalizando inflação de 4,5% — sendo 1,1% no primeiro trimestre —, abaixo da meta de 5,5% fixada pelo Conselho Monetário

Nacional (CMN), mas superior aos 3,9% estimados em setembro. Os 4,5% foram projetados considerando a manutenção da taxa básica de juros (Selic) em 16,5% ao ano ao longo de 2004 e dólar a R\$ 2,94. No quadro traçado pelo mercado, também usado como referência pelo BC, a inflação de 2004 ficará em 5,8%, acima da meta definida pelo CMN. Esse índice seria resultado de uma Selic de 14,1% nos últimos três meses do ano que vem e dó-

lar cotado a R\$ 3,21. O crescimento do PIB ficaria em 3,8%.

Tais números evidenciam o espaço limitadíssimo que o BC terá para manejar a política de juros em 2004. Se quiser mesmo atingir o centro da meta de inflação (5,5%) — ela pode oscilar 2,5 pontos para baixo ou para cima —, a Selic cairá apenas 2,4 pontos percentuais, quase nada perto da redução de dez pontos registrada entre junho e dezembro últimos. Beviláqua disse, no entanto, que

esse limite não existe. "A taxa de juros é definida a cada reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) levando em conta uma série de indicadores", frisou. Ele admitiu, porém, que a redução dos juros será cada vez menor, sobretudo a partir de segundo trimestre do próximo ano.

No cenário traçado pelo BC para 2005, a inflação ficará em 4%, abaixo da meta de 4,5%. Nas estimativas do mercado, porém, o índice final será de 5,1%. Os

especialistas acreditam que o BC, não vai mirar a todo momento o centro da meta inflacionária. Para estimular a produção e as exportações — garantias do crescimento econômico —, o banco continuará reduzindo os juros e permitindo uma recuperação do dólar frente ao real. Ou seja, não será surpresa se a inflação ficar acima dos índices definidos pelo Conselho Monetário, para evitar sacrifícios maiores à população.

